

# CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO E EMPREGO DA CONJUNTURA

*Raimundo Nonato Palhano (\*)*

**SINÓPSE** — *Contribuição ao Estudo e Emprego da Conjuntura* aborda aspectos conceituais, metodológicos e científicos vinculados ao campo de atuação da pesquisa e análise da conjuntura econômica, apresentando elementos sobre sua evolução histórica, origem e aperfeiçoamento técnico. Fornece, também, uma rápida visão da situação da análise conjuntural no Brasil, o nível de atividades das principais instituições que produzem esse tipo de trabalho, além de focalizar alguns indicadores econômicos imprescindíveis a todos os empreendimentos dessa natureza.

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi elaborado com os objetivos a seguir enunciados:

a) condensar o maior número de dados elucidativos e informações sobre a conjuntura, sua técnica e evolução, com o intuito de auxiliar os órgãos e as instituições que desenvolvem análises conjunturais;

b) sugerir a necessidade da pesquisa científica, a nível de realidade econômica específica, como instrumento impulsionador do desenvolvimento da teoria conjuntural;

c) tentar dimensionar, em linhas gerais, o atual estágio da tecnologia conjuntural empregada no Brasil.

Não tem a pretensão, evidentemente, de se constituir em um documento conclusivo da realidade em conjuntura, sobretudo em função do caráter experimental da própria abordagem crítica; antes

---

(\*) O autor é economista, Assessor Técnico do Centro de Estudos Econômico-Sociais do IPEI, Coordenador do Projeto-Conjuntura e Editor da Revista "Conjuntura Maranhense".

e com muito maior intensidade, visa a suscitar a intensificação das discussões técnicas sobre essa tão importante matéria do planejamento nos dias atuais.

Finalmente, destina-se em especial aos analistas de conjuntura do IPEI — Instituto de Pesquisas Econômico-Sociais e Informática, do Estado do Maranhão, que há onze meses desenvolvem importante projeto nesse campo; o que não impede, porém, a sua utilização por parte daqueles que engendram trabalho semelhante ou que se dedicam ao estudo do presente assunto.

## 2. SÍNTESE EVOLUTIVA

### 2.1. *Conceito*

Segundo PIATIER, a expressão “conjuntura”, desconhecida em língua inglesa, significa, em francês e castelhano, situação econômica, enfocada em seu mais geral aspecto. Por extensão, significa também estudo da situação econômica e sua evolução. “Dicha expresión apareció, hace unos 50 años, en reacción contra los trabajos demasiado abstractos de los economistas y como afirmación del deseo, por una parte, de considerar los factores aislados y, por otra, de permanecer próximo a la realidad. Con esta definición, la coyuntura se propone a la vez:

- 1) Considerar las relaciones entre variables en un mismo instante (SITUACIÓN).
- 2) Seguir los movimientos en el tiempo y considerar las relaciones de las variables entre sí (EVOLUCIÓN)”.

O documento intitulado “Análise Ajudará Crescimento Econômico”, de autoria do economista Miguel Colasuonno, apresentado no I SEMINÁRIO ESTADUAL DE PESQUISA E ANÁLISE DE CONJUNTURA, realizado em São Paulo, em 1972, afirma que “um dos campos de extrema importância para a tomada de decisões econômicas consiste no conhecimento e acompanhamento do desempenho conjuntural da economia. A expressão conjuntura implica a noção de um período curto de tempo, dependendo dos objetivos de quem se propõe a realizar a análise conjuntural. Por exemplo, ao se estudar a evolução da indústria siderúrgica no Brasil, pode-se tomar uma certa produção anual como reflexo de problemas conjunturais naquele ano pela economia. Inversamente, para um atacadista de cereais, as oscilações de preços entendidas como conjunturais são de ordem semanal e até mesmo diária...” Expressa finalmente o referido documento que o acompanhamento conjuntural consiste no

levantamento de dados e informações que permitam a avaliação do desempenho da economia a curto prazo, bem como o conhecimento das causas prováveis que determinaram este desempenho.

Por último, outro conjunturista também participante do mesmo Seminário, técnico da SEPLAN de São Paulo, Luiz Eduardo Parreiras, autor do trabalho "O Acompanhamento Conjuntural como Instrumento do Planejamento" sintetiza sua atual concepção por parte da maioria das instituições que no Brasil tratam dessa disciplina:

"... a expressão análise conjuntural ou acompanhamento conjuntural pode ser entendida segundo duas maneiras distintas... O primeiro destes significados implica a noção de que a análise conjuntural é, sobretudo, um instrumento de previsão... todo o trabalho do analista conjuntural teria por fim último a elaboração de previsões econômicas a curto e médio prazos. O segundo significado encara a análise conjuntural simplesmente como um meio de se ter um conhecimento sucinto da realidade econômica presente, o analista não estaria preocupado em fazer previsões..."

## 2.2. Origem

A análise conjuntural, apesar de seu emprego bastante irregular no Brasil, já há bastante tempo vem sendo utilizada pelos países desenvolvidos da Europa. Muitos historiadores da conjuntura consideram o período compreendido entre os anos de 1930-35 como marco do conjunturismo moderno em função da utilização da chamada instrumentalidade estatístico-matemática, atrelada à teoria econômica, fato este que diferia do conceito anterior, onde, em sua fase inicial, era a conjuntura primordialmente MENSURAÇÃO da atividade econômica.

Com efeito, "após a depressão dos anos 30, a utilização da instrumentalidade estatístico-matemática em economia, visando à fundamentação de procedimentos de previsão, mais e mais se acentuou, tendo para isto concorrido cientistas das áreas físicas e sociais — resultando teorias sobre ciclos econômicos, construções de barômetros econômicos, técnicas de análise de conjuntura e outros" (1).

Os mais importantes e tradicionais institutos de conjuntura foram criados entre as duas guerras mundiais e, em sua totalidade, o instrumental utilizado resumia-se no uso dos cognominados "barômetros" (que, em termos figurados, representariam os instrumentos capazes de medir a "pressão econômica", isto é, aquilo que indicaria a marcha e a tendência dos negócios, baseados na teoria estatística dos ciclos econômicos).

(1) BAUNGARTEN JUNIOR, Alfredo Luís et Alii, *Sondagem Conjuntural*, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, Centro de Estudos Industriais, 1973.

Sobressairam-se dentre os principais Institutos de Conjuntura: o Harvard Committee for Economic Research, nos Estados Unidos (1917); Institut für Konjunkturforschung, na Alemanha (1923), Konjunkturutitutet, na Suécia; London and Cambridge Economic Service, na Inglaterra; Institut de Conjoncture de Louvain, na Bélgica; Institut de Conjoncture, na França (1938).

Clement Juglar, economista francês do século XIX, foi considerado por André Piatier como o precursor do conjunturismo contemporâneo. Lê-se em *ESTADÍSTICA Y OBSERVACIÓN ECONÓMICA* que "... desde 1860, Juglar se dedica al estudio de las crisis, tema ignorado por los teóricos, cuyo orden natural o equilibrio, desembocaba en situaciones económicas estables. A continuación se desarrolla toda una corriente de investigaciones que permanecerá durante largo tiempo al margen de las escuelas dominantes. La regularidad de las crisis, indujo rapidamente a passar a la noción de ciclo que se estudia en los institutos de la coyuntura, con la idea de utilizar esta regularidad para sus previsiones, y por especialistas, entre los que el más conocido es W. C. Mitchell. Fuera de la ortodoxia económica ocupan, sin embargo, un lugar importante y conducen a nuevas y valiosas interpretaciones de la realidad. Desgraciadamente, estas observaciones están a menudo poco estructuradas; el desprecio por los ejercicios ilusorios de los teóricos alejan a sus autores de todo intento de simplificación o de conocimiento lógico".

Sem dúvida, os estudos de Juglar são considerados verdadeiramente revolucionários graças aos seus ensinamentos, porquanto àquela época, de predomínio das idéias clássicas, apoiadas pela lei dos mercados de J. B. Say, considerava-se verdadeira subversão sustentar a não estabilidade do sistema econômico. Ao decretar que as crises não se constituíam em fenômenos isolados, mas parte de uma flutuação da atividade comercial, Juglar (*"Des Crisis Commerciales"* — Paris 1889), sacudia o imobilismo clássico. A partir, então, dos conceitos do grande economista francês, muitos estudos exploratórios são realizados por economistas-estatísticos sobre flutuações econômicas, teorias dos ciclos de negócios, sobre os movimentos econômicos gerais e os fundamentos econômicos gerais e os fundamentos matemáticos do estabelecimento dos movimentos dos negócios. Piatier destaca os seguintes autores: F. SIMIAND, cujas obras *"Le salaire des ouvriers des mines en France"* (1904) e *"Le salaire, l'évolution sociale et la monnaie"* (1932), representam as primeiras comprovações metódicas das séries estatísticas: crítica das fontes, modalidades de tratamento, etc. Uma investigação simétrica é a realizada nos EEUU por H. SCHULTZ (*Theory and measurement of demand*). Tinham entretanto, um inconveniente porque "A análise PURAMENTE estatística se priva de meios eficazes ao rechaçar toda contribuição dedutiva". Em nossos dias, muitos autores continuam a desenvolver estudos específicos sobre a teoria

dos ciclos econômicos e sobre as flutuações econômicas de um modo geral. A moderna teoria conjuntural muito deve a J. Schumpeter, J. Tinbergen, H. Guitton, J. A. Estey e ao próprio A. Piatier, por suas contribuições de caráter essencialmente científico.

A pré-história da conjuntura estava portanto, inclinada ao malogro, uma vez que, surgida da reação anti-clássica, ainda não detinha a experiência e a maturidade adequadas para assegurar a verdade de seus parâmetros de medida de situação econômica.

Os técnicos de conjuntura combatiam as idéias clássicas do ótimo econômico, da chamada escola do "Welfare" (ou do "bem estar"), porém, com a expansão progressiva do capitalismo industrial e a conseqüente noção de que os ciclos não seriam eternamente fenômenos de longo prazo (como julgavam os conjunturistas de então), mas sim ativados ou provocados pelo crescimento econômico, antevia-se a desarticulação do modelo primitivo da conjuntura, mais tarde concretizado pelo fracasso dos barômetros de Harvard, em 1929.

### 3. TEORIA DOS CICLOS E CONJUNTURA

Com efeito, o instrumento estatístico fundamental das investigações conjunturais, tanto nos dias atuais quanto na primeira fase da conjuntura (1910 a 1935), diz respeito à utilização das séries cronológicas, que representam uma série de valores numéricos dispostos ao longo do tempo. Entretanto, a evolução do estudo das séries temporais só foi possível através do próprio desenvolvimento da teoria dos ciclos, fonte embrionária da técnica conjuntural em economia.

A transformação da análise conjuntural em disciplina autônoma derivou basicamente do ponto de vista vigente segundo o qual só através do aprofundamento dos estudos sobre os ciclos (nessa primeira fase, representavam exclusivamente observações sistemáticas sobre as crises comerciais), ou mais apropriadamente sobre os ciclos dos negócios (business cycles), seria possível identificar nos "movimentos econômicos" certas regularidades que permitissem a previsão e o diagnóstico. Verifica-se, portanto, que os conjunturistas da primeira fase baseavam suas previsões na observação de movimentos regulares, na amplitude e na repetição dos eventos, sendo que, na medida em que aumentavam as convexidades das curvas, derivadas de uma série de dados, mais se aproximavam do ciclo perfeito e, então, mais se encorajavam a elaboração de previsões.

A concepção inicial de ciclo econômico, defendida pelos conjunturalistas da primeira fase, (grandemente influenciados pelos estudos das crises elaborados por Marx, Sismondi e Juglar), cujas

pesquisas futuramente seriam vitais ao estudo das séries temporais e suas análises, já admitia serem os ciclos irregulares, apesar de acreditarem integralmente que estes percorreriam sempre um caminho fácil de seguir. Nessa mesma época, desenvolvia-se outra corrente, também audaciosa para aquele momento, que admitia serem os fenômenos cíclicos decorrentes do industrialismo. Por último, duas teorias surgidas, uma, pouco antes das I e II Guerras Mundiais (1911 e 39) — “teoria da inovação” do alemão Schumpeter, e outra, antes da grande depressão americana (1923), do sueco Cassel — “teoria da sobre-inversão ou do superinvestimento”, consagraram a concepção segundo a qual o ciclo é inerente ao capitalismo moderno, que muda constante e permanentemente. Em linhas gerais, “enquanto Schumpeter associa as crises, que sempre seguem a expansão, com o deslocamento de relações de preços, provocadas pelo fim do período de gestação, quando os resultados da inovação acham-se prontos para o mercado, Gustav Cassel atribui ao fim da expansão do investimento excessivo que supera as ofertas disponíveis de capital”.

Desse modo, apesar de ainda existirem estudos de qualidade inquestionável sobre ciclos econômicos, a conjuntura moderna prefere enquadrar o *ciclo*, juntamente com a *tendência* ou a *sazonalidade*, como componente do estudo das *Séries Temporais*, cujo estudo hoje encontra-se em avançado estado de progresso. Essa mudança conceptual só foi possível devido à comprovação da irregularidade dos fenômenos econômicos, em contraposição à teoria dos ciclos, admitidos como duradouros em sua versão primeira. Verifica-se, então, a progressiva substituição da noção de ciclo, limitativa, à noção de FLUTUAÇÃO, muito mais geral e independente de normas estruturais rígidas.

#### 4. MODELO HISTÓRICO: O ÍNDICE GRÁFICO DE HARVARD

A configuração da técnica conjuntural passou a existir com a montagem do Índice Gráfico de Harvard, determinado pelos chamados “barômetros econômicos”, idealizados pelo Harvard Committee for Economic Research, nos Estados Unidos, na metade da década dos anos 10. Malgrado sua parcialidade operacional — fato este mais tarde caracterizado — por sua contribuição ao progresso da conjuntura, o IGH passou então a ser considerado como parâmetro histórico, cujo conhecimento julga-se hoje indispensável à compreensão das técnicas modernas. Outrossim, convém recordar que o IGH fornecera todo o substrato conceptual para caracterizar a primeira fase da conjuntura, isto é, essencialmente MEDIDA dos movimentos econômicos. Só mais tarde então, já nos primórdios da segunda fase (caracterizada pela progressiva diminuição dos procedimentos estatísticos não cobertos pela teoria econômica), tornara-se possível admitir a concepção de

relatividade dos ciclos, indo-se chegar finalmente aos modernos estudos sobre as séries cronológicas, sedimentadas pela noção de FLUTUAÇÃO, onde a flutuação cíclica seria apenas uma componente.

#### 4.1. *O Emprego do Barômetro*

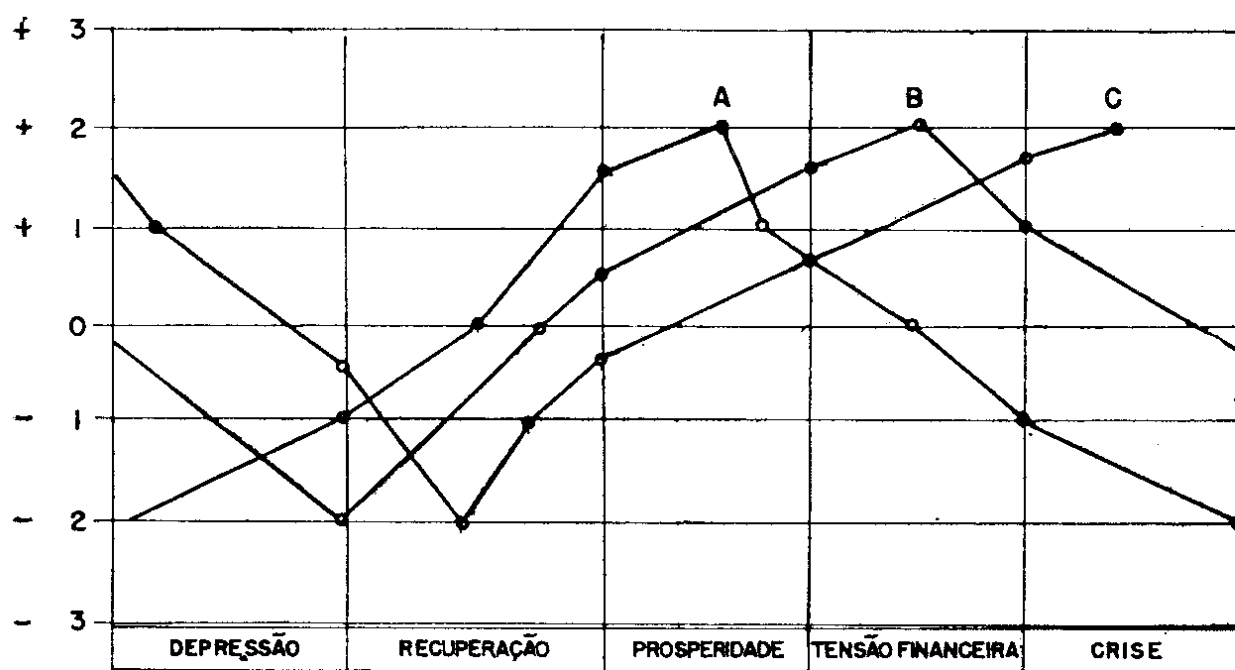
Os índices de Harvard são também conhecidos como BARÔMETROS ECONÔMICOS, porquanto pretendiam indicar mais a posição em que podiam apresentar-se os negócios a curto prazo, do que propriamente sua posição no presente, cujas análises, portanto, se reportavam mais ao futuro do que ao presente (estimavam sempre relações de expansão e retração). Por conseguinte, como já foi dito alhures, o barômetro representava o instrumento capaz de indicar a marcha ou tendência dos negócios.

A idéia de construir um barômetro, conforme afirma André Piatier em sua obra “Estadística y Observación Económica”, provém da afirmação do aparecimento periódico das crises, “C. Juglar foi o primeiro a estabelecer, desde seus trabalhos iniciais (1850), uma previsão baseada na confrontação das curvas da carteira comercial e do encaixe monetário dos bancos. Se as duas curvas se separam durante um certo período, a prosperidade não tardará em chegar a seu fim. Se se aproximam, a depressão deixará margem à recuperação”.

Em suma, o emprego do Barômetro servia para “prever” situações ora de depressão ora de recuperação; ora de prosperidade ora de tensão financeira ou crise. O fulcro dessas caracterizações dependeria do posicionamento de três curvas chaves, em um diagrama-modelo, como se observa abaixo:

A posição das três curvas, A (especulação), B (negócios) e C (mercado monetário) no diagrama caracterizava as diferentes fases cíclicas dos negócios, cujas prognoses baseavam-se em observações anteriores, fato este depois apontado como um dos motivos do fracasso dos barômetros, porquanto tais previsões seriam aproveitáveis em uma sociedade estática; nunca numa em movimento. Julgavam os analistas de Harvard, de acordo com Piatier e outros estudiosos da primeira fase, que, por exemplo, quando a curva “A” estivesse abaixo, antes do período de prosperidade, a produção continuava aumentando, assim como o emprego, os salários e os preços. Acha-

ESQUEMA DO COMPORTAMENTO DAS TRÊS CURVAS DE HARVARD  
NAS DIFERENTES FASES DO CICLO



FONTE: "Estadística y Observación" pág 121 — Tomo II



vam que o mercado financeiro desfalecia no momento em que os benefícios se estabilizavam: entrava-se então num período de tensão financeira. Ao se iniciarem as crises, a produção baixava e se liquidavam as sequelas do fim de prosperidade (estoques acumulados, inversões exageradas, demanda excessiva de capital). Enfim, os preços baixavam e os tipos de juros, por sua vez, começavam a cair.

Por outro lado, à medida em que era processada a venda de estoques e a liquidação dos débitos em banco, o dinheiro que não fora empregado permanecia em caixa.

A produção ainda continuava debilitando-se e a depressão continuava aumentando. Porém agora, devido à abundância das disponibilidades monetárias, a especulação se punha em marcha lentamente. O otimismo então voltava, propiciando o aumento da produção e do emprego.

Sem embargo, a síntese acima está muito longe de representar toda a sistemática funcional dos barômetros econômicos de Harvard, e pretende apenas mostrar o “formalismo” ou mesmo o “imobilismo” de sua operacionalidade.

Com efeito, apesar de terem sido bem sucedidos na previsão da crise dos anos 20 nos Estados Unidos, os barômetros de Harvard, como já foi dito em item anterior, fracassaram quanto à determinação da crise de 1929 — a “grande depressão” — cujos reflexos abalaram a própria economia ocidental.

A partir desse evento, as previsões em conjuntura mais e mais passaram a um segundo plano.

Muitas críticas então foram feitas ao fracasso dos barômetros de Harvard e, dentre estas, destacaram-se as seguintes:

a) as análises eram demasiadamente mecanicistas, portanto, exteriores aos fenômenos. (Segundo alguns autores, as explicações dos barômetros de Harvard estavam ligadas às contingências históricas da crise “test” americana de 1907) <sup>(2)</sup>;

b) o método de Harvard postulava uma periodicidade constante ao ciclo — que é premissa pouco fundamentada <sup>(3)</sup>;

---

(2) G. Myrdal afirma que “...as observações sobre o vivo não proporcionam o conhecimento. Sem um TEORIA cuidadosamente elaborada para ORGANIZAR as observações, o conhecimento se transforma necessariamente em falso”.

(3) V. Leontief diz que “...há 20 anos o economista-estatístico tinha tendência a estar orgulhoso de si mesmo porque abordava seu trabalho “sem idéias pré-concebidas”. Agora sabe que é necessário um número considerável de informações exteriores para justificar a mesma aplicação de tal ou qual procedimento estatístico familiar. O teste estatístico das hipóteses, cujo ajuste das curvas é um caso particular, é um procedimento de eleição entre alternativas bem especificadas”.

c) As curvas foram montadas (principalmente a curva "A") em séries experimentadas antes da guerra, portanto, expressavam tendência exagerada a subir;

d) o formalismo do barômetro depreciava fontes de informação importantes àquela época: o tráfego ferroviário, o postal e telegráfico e as próprias cifras de negócios.

Já em 1933, os analistas do Instituto de Conjuntura de Berlim, desta feita prevenidos contra as falhas do Comitê de Harvard, tentam o estabelecimento de um CIRCUITO ECONÔMICO em conjuntura. Visavam encontrar uma articulação racional entre alguns agregados econômicos, em lugar de conformarem-se com algumas estatísticas adaptadas a conceitos econômicos falsos. O presidente desta Instituição, E. Wagemann, propôs vários trabalhos na tentativa de determinar uma "tipologia de economias nacionais", mais tarde transformados em precursores dos modernos conceitos da teoria do desenvolvimento econômico. As características da "tipologia" eram as seguintes:

### CLASSIFICAÇÃO DAS ECONOMIAS NACIONAIS SEGUNDO OS GRAUS DE INTENSIDADE CAPITALISTA

	ALTAMENTE CAPITALISTA	SEMI- CAPITALISTA	NEO- CAPITALISTA	NÃO CAPITALISTA
1. Dens. de População	Elevada	Elevada	Débil	Débil
2. Emprego máquinas	Elevado	Débil	Médio	Muito débil
3. Tráfego	Forte	Débil	Forte	Débil
4. % de trab. Indust.	Forte	Débil	Médio	Muito débil
5. Balança Comercial	Exc. de Imp.	Variável	Exc. de Exp.	Exc. de imp.
6. Import. prod. acabados	Média	Elevada	Muito elevada	Muito elevada
7. Export. prod. acabados	Forte	Débil	Muito débil	Muito débil
8. Comércio exterior per-capita	Importan- te	Pouco import.	Importan- te	Pouco import.

Fonte: E. Wagemann — "Struktur und Rythmus der Weltwirtschaft".  
(Obs.: Transcrito de PIATIER, obra citada, Tomo II, pág. 126).

Os circuitos econômicos do Instituto de Berlim progressivamente tornam patente a necessidade de serem estudadas as quantidades globais, na tentativa de assegurar o aspecto científico da conjuntura,

chegando mesmo tal procedimento a se transformar em nova disciplina, embora provisoriamente autônoma. Surgiram então três correntes: a econométrica, a conjuntural e a globalista. Pouco depois, voltariam a se fundir em uma só e única investigação econômica, graças à contribuição do National Bureau of Economic Research (a partir de 1939).

Em última análise, os barômetros econômicos da primeira fase, dentre as muitas contribuições deixadas à conjuntura moderna, legaram dois elementos básicos à compreensão da conjuntura, ambos de natureza essencialmente didática:

I) existe uma conjuntura INTERNA, isto é, para explicar o comportamento das atividades do sistema econômico, a conjuntura deve recorrer a argumentos de ordem teórica;

II) existe uma conjuntura EXTERNA, surgida de uma reação anti-teórica, onde os analistas se limitam à forma dos movimentos econômicos, geralmente mensurados por normas estatísticas ortodoxas.

## 5. TÉCNICA OPERACIONAL

### 5.1. *Os Instrumentos*

Enumeram-se a seguir alguns instrumentos considerados indispensáveis ao acompanhamento conjuntural, surgidos dos recentes progressos alcançados pelos métodos de mensuração das séries históricas.

#### 5.1.1. *Os Indicadores*

Representam atualmente o instrumental básico e de uso generalizado em todos os projetos de conjuntura. O método consiste na seleção, obtenção e processamento de dados estatísticos vinculados a determinadas atividades econômicas. Admite-se que observações contínuas de diversos indicadores permitirão que se chegue a prováveis contornos da situação econômica atual e sua evolução.

#### 5.1.2. *Os Índices de Conjuntura*

São também chamados de índices de preços e representam um seguimento dos Indicadores, porquanto sua seleção obedece critérios semelhantes. Os mesmos se caracterizam essencialmente como instrumentos quantitativos da situação econômica. Dentre os principais, destacam-se:

- Índices de Custo de Vida (Índices de Preços ao Consumidor)
- ICV (IPC)
- Índices do Movimento Financeiro
- Índices da Produção e do Consumo de Energia Elétrica
- Índices da Receita Tributária
- Índices de Preços Pagos e Recebidos pelo Agricultor
- Índices do Setor Transporte
- Índice da Área Licenciada para Construção
- Índices do Comércio Exterior, etc.

#### 5.1.3. *Os Índices Anunciadores*

São obtidos através do exame conjunto de todos os índices, indicando a posição ocupada por cada um na vida econômica. São índices sensíveis que sempre mudam de posição na arquitetura econômica, a exigirem que seus papéis no estudo conjuntural sofram sempre reconsiderações.

#### 5.1.4. *Os Índices de Difusão*

Visam, pela observação das séries cronológicas, a determinar a homogeneidade dos movimentos dos diversos indicadores, isto é, que as tendências de alta ou baixa (média ponderada) podem estar encobrindo tanto acordos como divergências entre as componentes. Por exemplo, um aumento exagerado no consumo industrial de energia elétrica não tem a mesma importância se provém apenas de uma só empresa. Logo, há necessidade de, ao lado da série estatística normal, estabelecer-se uma característica de dispersão.

#### 5.1.5. *As Sondagens Conjunturais*

A sondagem representa um dos métodos hoje de uso bastante comum e de muito valor. Normalmente, as sondagens conjunturais são feitas nas indústrias de transformação e, através de pesquisas por amostragem, permitem a elaboração de diagnoses e prognoses setoriais da situação econômica. As sondagens, via de regra, dimensionam a produção do setor, os investimentos, os estoques, a flutuação da mão-de-obra e a expectativa empresarial.

Decerto que variáveis como produção, renda, consumo, investimento e poupança, se pudessem ser medidas no curto prazo, permitiriam que as análises conjunturais no Brasil fossem muito mais significativas e elucidativas, fato este, aliás, que coloca os países desenvolvidos na dianteira quanto à eficácia de seu planejamento econômico global. Daí então verifica-se que a maioria dos projetos de conjuntura manipulam informações indiretas e parciais da evolução das partes do sistema econômico, tentando, com isso, diagnosticar o comportamento geral das atividades do sistema.

### 5.1.6. A Técnica

A montagem de um modelo viável do acompanhamento conjuntural se constitui em tarefa bastante difícil, pois cada atividade econômica tem suas características próprias. Daí porque os estágios econômicos dos diversos países resultam de situações diferentes dessas atividades. Lê-se em um dos Relatórios do II SEPAC (Seminário de Pesquisa e Análise de Conjuntura), realizado no mês de junho de 1973, em São Paulo, que “considerações referentes às diferenças regionais impedem um modelo básico de acompanhamento, propiciando estímulos à investigação científica dessas peculiaridades” <sup>(4)</sup>. A experiência mostra então que a conjuntura possui uma fisionomia diferente em cada país, em cada região, em cada estado. Antes de tudo, para se tornar viável, qualquer projeto de conjuntura deverá investigar as características estruturais da economia a ser acompanhada.

Uma vez então escolhido o modelo para o acompanhamento da conjuntura, precedido evidentemente de estudos sobre as variáveis macro-econômicas que caracterizam o universo em apreço, uma segunda tarefa, também de grande importância, diz respeito à elaboração da síntese operacional. Para tanto, deve-se elaborar um certo roteiro de procedimentos eficazes, no sentido de assegurar-se um bom plano de análise. Segundo Parreiras, “... a elaboração da Análise compreende vários passos distintos:

1 — recolher todo o material estatístico relevante e organizá-lo em séries de tempo e determinar os três principais tipos de flutuações consideradas (de tendência, sazonal e irregular);

2 — obtenção do maior número de informações extra-estatísticas capazes de ajudar na interpretação do comportamento das séries temporais (existência de seca, atos de política econômica, férias coletivas, movimentação política);

3 — de posse dos dados estatísticos e das informações extra-estatísticas, o analista elabora um Diagnóstico Descritivo da situação econômica em análise;

4 — com o Diagnóstico Descritivo, o analista deverá explicar as causas do comportamento observado das diversas variáveis, elaborar um Diagnóstico Explicativo... Este passo consiste em relacionar os dados estatísticos com as informações extra-estatísticas (CAUSALIDADE I) e, por outro, relacionar o comportamento das diversas

---

(4) PALHANO, Raimundo Nonato, *Técnicas de análises conjunturais*. In: Relatório da Comissão Técnica n.º 1, São Paulo (s. ed.) 1973. (SEPAC. 2).

variáveis entre si (CAUSALIDADE II) . . . Podemos dizer que a análise conjuntural consiste em duas equações:

1.<sup>a</sup> — dados estatísticos + informações extra-estatísticas =  
DIAGNÓSTICO DESCRITIVO

2.<sup>a</sup> — diagnóstico descritivo + causalidade 1 + causalidade 2 =  
ANÁLISE CONJUNTURAL”.

Com efeito, a operacionalidade do plano de análise não está só na garantia de funcionamento mas, sobretudo, no dinamismo que traz ao modelo, porquanto, atualmente, o período de tempo tomado como unidade de análise obrigatoriamente não pode distanciar-se do presente, sob pena de ameaçar a “finalidade” conjuntural do projeto. Por conseguinte, além do plano geral de análise, deverão existir planos para cada indicador e, de preferência, para todas as variáveis dependentes e independentes. Nesses casos, a adoção de modelos econométricos é perfeitamente recomendada, a fim de determinar-se quantitativamente as relações de causa/efeito para todos os elementos entre si.

A forma de redigir técnica e convincentemente os relatórios de análise depende, em grande parte, do modelo de acompanhamento adotado e da consistência dos dados estatísticos. Entretanto, de acordo com sugestão da Assessoria de Pesquisas Econômicas, da SEPLAN de São Paulo, o analista deve “utilizar a linguagem impessoal e, em casos de ocorrências de dúvidas sobre determinadas informações técnicas, recorrer às formas condicionais dos verbos”.

No Brasil, as análises conjunturais, grosso modo, são feitas mensalmente. Nesse caso, costumam-se comparar os dados, com mais ênfase, do mês em estudo com o mês anterior e, secundariamente, os dados do mês em análise com os do mesmo mês do ano anterior e o período acumulado atual com o período acumulado anterior.

O tratamento estatístico dos dados conjunturais oscilam entre “a” e “z”, isto é, vão desde os sofisticadíssimos modelos econométricos, às mais simples operações estatísticas, sendo os diversos níveis função do modelo adotado. Alguns dados, entretanto, cuja destinação final abrange heterogêneas gamas de usuários, precisam de ser tratados de modo bastante simplificado. Daí então serem muitos preços e quantidades estudados utilizando-se índices aritméticos percentuais simples, da forma:

$$a) X = \frac{P_i}{P_o} \times 100$$

$$b) Y = \frac{Q_i}{Q_o} \times 100$$

Muitos índices de preços são obtidos valendo-se de relativos simples, da forma:

$$a) I_{01} = \frac{\sum P_1}{\sum P_o} \times 100$$

Para montagem de índices do comércio exterior, é bastante frequente o emprego da fórmula de Laspeyers:

$$I_{01}^{LA} = \frac{\sum P_1 q_o}{\sum P_o q_o} \times 100$$

Os preços correntes normalmente são deflacionados pela relação seguinte:

$$V_r = \frac{V_n}{I_p} \times 100, \text{ onde:}$$

$V_r$  = valor real

$V_n$  = valor nominal

$I_p$  = índice de preço do ano-base

Julga-se que, após a implantação de qualquer projeto de conjuntura, os pontos que serão enfocados a seguir deverão ser perseguidos constantemente:

a) determinação de métodos analíticos, paulatinamente aperfeiçoados, para os indicadores selecionados, numa tentativa de verificar-se seu “potencial” quantitativo e qualitativo;

b) intensificação dos estudos visando a estabelecer o inter-relacionamento entre todas as variáveis do projeto;

c) definição de um modelo estatístico básico do acompanhamento da situação econômica, englobando os dados existentes e suas eventuais perdas de importância frente às mudanças do sistema (índices anunciadores).

## 6. A CONJUNTURA NO BRASIL

Com raríssimas exceções, o trabalho da Fundação Getúlio Vargas, por exemplo, os projetos de análise conjuntural no Brasil ainda não atingiram a maturidade desejada quando comparados com o alto nível já conseguido, dentre outros, pelos Estados Unidos e Japão (afirma-se que os institutos de conjuntura desse país fornecem diariamente diagnósticos da situação econômica para quase todos os setores da economia).

A importância, ou mesmo necessidade, dos projetos de conjuntura derivou essencialmente do crescimento industrial e seu forte poder germinativo, a exigir dos outros setores grandes transformações. A ênfase dada a partir de 1956 ao planejamento, e a posterior aceleração das atividades produtivas, obrigaram, tanto os agentes do poder público como as grandes empresas privadas, a manipularem dados e informações precisas da situação geral dos negócios e sua evolução no curto e médio prazos.

Sabe-se como verdadeiro que, à proporção em que o sistema econômico evolui, mais é exigida a presença de análises qualitativas e de elementos quantitativos dessa realidade. Desse modo, nos primeiros anos do pós-II Guerra, precisamente em novembro de 1947, a Fundação Getúlio Vargas, instituída em dezembro de 1944, iniciava a publicação do periódico "CONJUNTURA ECONÔMICA", talvez como exigência da expansão atingida pela economia brasileira naquele período. Com efeito, a "CONJUNTURA" da FGV tornou-se em nossos dias a mais antiga das publicações técnicas de análise conjuntural no Brasil e, sem dúvida, a de maior gabarito técnico e científico, apesar de ter produzido no início trabalhos de cunho essencialmente educativo, muitos dos quais preocupados com a organização racional do trabalho.

Como o crescimento da economia brasileira destacou-se principalmente na região sudeste, ali então ficaram localizados as mais importantes instituições que tratam de conjuntura, cabendo à CONJUNTURA ECONÔMICA da FGV a tentativa de uma análise geral da conjuntura econômica brasileira, tentativa esta ainda bastante difícil devido às acentuadas diferenciações inter-regionais observadas no país.



Desde 1972, quando realizou o I Seminário Estadual de Pesquisa e Análise de Conjuntura e o II SEPAC (5) em junho de 1975 (a nível nacional), que a Secretaria de Economia e Planejamento do Estado de São Paulo, através da Coordenadoria de Planejamento — Assessoria de Pesquisas Econômicas, vem tentando implantar, através de assessoramento técnico, projetos de análise conjuntural em todos os Estados brasileiros (Maranhão e Ceará já implantaram, dentre outros). Além de serem de inestimável valor para os sistemas estaduais de planejamento, estão encontrando enorme receptividade junto à classe empresarial e estudiosos.

Entretanto, muito ainda precisa ser feito pela conjuntura no Brasil, principalmente naqueles Estados que estão fora dos grandes polos econômicos, onde as carências materiais e humanas são mais acentuadas. A própria SEPLAN de São Paulo, a despeito de todo seu potencial técnico, em documento apresentado ao II SEPAC admite que seu trabalho, “embora tenha atingido um nível de maturidade satisfatória dentro das condições existentes, está longe do que se pode pretender em termos técnicos”.

E, por último, dentre as considerações finais e recomendações do Relatório da Comissão Técnica n.º 1 (Técnicas de Análises Conjunturais) do II SEPAC destacam-se as seguintes:

a) realização de “seminários especiais a fim de discutir aspectos metodológicos específicos, possibilitando aos participantes o conhecimento e desenvolvimento de técnicas mais aprofundadas no campo analítico, em seus múltiplos aspectos”.

b) “ênfase o problema de pesquisa na análise de conjuntura com a reciclagem do instrumental básico e, posteriormente, a pesquisa diferencial das diversas estruturas dos indicadores incorporados à análise regional e estadual”.

c) “encontros periódicos com a participação de órgãos produtores de estatísticas, tanto primárias como derivadas, e usuários finais, evitando-se, dentre outros, a superposição de levantamentos, propiciando melhor conhecimento de sua disponibilidade e o aprofundamento de técnicas tanto de obtenção como de uso”.

d) “proceder à avaliação dos estudos de natureza conjuntural que vêm sendo realizados pelas várias instituições federais, regionais e estaduais, no sentido de ser conhecida sua utilidade como instrumento para a tomada de decisões”.

---

(5) II SEPAC (Seminário de Pesquisa e Análise de Conjuntura, realizado de 18 a 20 de junho de 1973, em São Paulo, contando com a presença de quase todas as Instituições que, no Brasil, se interessam por conjuntura).

## 6.1. As Instituições

Destacam-se, a seguir, algumas das mais importantes instituições de conjuntura no Brasil. Todas, praticamente, receberam a orientação básica da FGV e ampliaram a outras essa influência, daí porque se prefere não focar o trabalho da Fundação, já por demais conhecido de todos.

### 6.1.1. *Assessoria de Pesquisas Econômicas (SEPLAN-SP)*

Iniciou seus trabalhos de análise conjuntural em 1968. Tornou-se ultimamente em um dos mais sérios projetos de conjuntura do país a nível estadual. Publica mensalmente a revista técnica "Planejamento e Conjuntura" e constitui-se em um dos poucos órgãos, especializados em conjuntura, a fornecer análises específicas e setoriais, dentro da mesma linha adotada pela Fundação Getúlio Vargas. Desenvolveu diversas metodologias para o acompanhamento da conjuntura paulista, destacando-se a que deu origem a uma pesquisa conjuntural do comércio. Concebe a análise conjuntural como "a informação processada e analisada sobre os fatos econômicos acontecidos dentro de determinada unidade de tempo".

Alimenta um programa especial de cooperação técnica no sentido de incentivar todos os órgãos de planejamento estadual no Brasil a implantarem projetos de conjuntura, por ser esta um indispensável instrumento à programação econômica. Acompanha a evolução de indicadores do Setor Agro-pecuário (evolução do produto agrícola, preços pagos e recebidos e respectivo índice de paridade, etc.), do Setor Industrial (produção industrial, evolução das indústrias automobilísticas, da borracha, de cimento, siderúrgica, e inúmeros levantamentos complementares, visando a dimensionar o desempenho do setor industrial da economia paulista, aliás o mais importante dentre os demais), além do acompanhamento das atividades comerciais (vendas, compras, estoques, flutuação da mão-de-obra e investimentos fixos), do consumo de energia elétrica, do mercado financeiro, da receita pública, do comércio exterior, das insolvências, das emissões de capital, do comportamento dos preços, dentre outros.

### 6.1.2. *Universidade Federal do Rio Grande do Sul — Centro de Estudos e Pesquisas Econômicas — IEPE*

O trabalho do IEPE, na área de conjuntura, caracteriza-se mais pelo processamento de índices econômicos, indicativos indiretos da situação econômica em alguns setores e atividades. Os principais indicadores de conjuntura são os seguintes:

- 1 — Índice de Preços ao Consumidor (Custo de Vida), desde 1948;

- 2 — Índice de Preços Pagos Diretamente ao Agricultor, calculado a partir de 1948;
- 3 — Índice de Produção e Consumo de Energia Elétrica, desde 1948;
- 4 — Índice de Transporte Ferroviário, a partir de 1948;
- 5 — Índice de Transporte Marítimo, desde 1948;
- 6 — Índice de Área Licenciada para Construções, desde 1948;
- 7 — Índice do Movimento Financeiro, abrangendo depósitos e empréstimos bancários, caixa em moeda corrente e cheques compensados; e
- 8 — Índice da Receita Tributária Estadual (1968), envolvendo impostos diretos (imposto territorial, sobre transmissão de bens imóveis e diretos a eles relativos) e indiretos (ICM e as taxas adicionais não cobradas sobre os impostos indiretos).

Realiza também o IEPE, trimestralmente, a “Sondagem Conjuntural da Indústria de Transformação”, de muita utilidade para a iniciativa privada local.

#### 6.1.3. *Banco do Nordeste do Brasil — Departamento de Estudos Econômicos (ETENE)*

Começou há seis anos atrás com a “Sondagem Conjuntural na Indústria de Transformação do Nordeste”, em convênio com a Fundação Getúlio Vargas, prosseguindo com a montagem dos “Índices Econômicos Regionais”. No segundo semestre de 1972, iniciou um projeto mais completo, denominado “Análise Conjuntural da Economia Nordestina”. A pesquisa conjuntural do ETENE é feita a nível regional, uma das únicas tentativas dessa natureza existente no Brasil. Como corolário, admite que “o projeto A.C.E.N. se fundamenta em indicadores econômicos selecionados para cada setor, na tentativa de instituir-se na Região, gradualmente, um centro informativo de relevo sobre a conjuntura econômica nordestina”. Reconhece o ETENE que a escassez de estatísticas econômicas regionais impede a elaboração de análises mais substanciais. Assegura que “a grande defasagem verificada na divulgação de estatísticas sobre renda, produção e vendas dos vários setores . . . , impede que se tente quantificar o crescimento da economia regional”. Apesar dessa justificativa, os setores básicos da economia são cobertos por um rol muito extenso de indicadores da conjuntura nordestina. Dentre os principais, destacam-se os seguintes:

1) Agropecuária — informações pluviométricas, previsões de safra, preços a nível de comércio atacadista e valor das exportações dos principais produtos agrícolas da região;

2) Indústria — emissões de capital pelo setor industrial, consumo de energia elétrica como força motriz nas Capitais, volume de

projetos industriais aprovados pela SUDENE, arrecadação do IPI (Imposto sobre Produtos Industrializados) e variação do emprego industrial;

3) Serviços — desempenho da ferrovia nordestina (pas./km, t/km, unidades de tráfego), arrecadação tributária global do Governo Federal no NE e seus principais impostos (consumo, renda e importação), consumo setorial de energia elétrica nas Capitais, emissões de capital realizadas pelas S. As. do setor, comércio exterior (quantum e valor em US\$ FOB), áreas licenciadas da construção civil, protesto de títulos, consumo de derivados de petróleo, empréstimos bancários e número, valor e natureza dos títulos negociados nas Bolsas de Valores.

#### 6.1.4. *Instituto de Pesquisas Econômico-Sociais e Informática — IPEI*

A unidade-Projeto Acompanhamento Conjuntural da Economia Maranhense, do IPEI, foi criada em abril de 1973, fruto de convênio firmado entre as SEPLANs do Maranhão e São Paulo. O assessoramento técnico inicial foi prestado pela Assessoria de Pesquisas Econômicas da Coordenadoria de Planejamento do Governo de São Paulo, órgão vinculado à SEPLAN paulista. Objetiva principalmente o referido projeto ao “levantamento e análise de indicadores e informações selecionadas, capazes de medir a evolução da conjuntura econômica maranhense, em termos globais e setoriais”. Sua justificativa essencial: . . . “possibilitar maior racionalização no aproveitamento dos fatores de produção por parte dos setores público e privado, fornecendo-lhes um instrumental básico de orientação”.

O projeto conjuntural do IPEI publica a revista técnica mensal “Conjuntura Maranhense”, de circulação dirigida em especial aos órgãos de planejamento e às empresas, tendo-se transformado em periódico pioneiro, a nível interestadual em todo Norte-Nordeste, pela abrangência do acompanhamento e atualização dos dados. Destacam-se, como principais indicadores: receita pública (evolução da arrecadação do ICM, IPI e IR), exportações (comércio interestadual por cabotagem e vias internas e comércio exterior), consumo de energia elétrica (por setores), movimento bancário (depósitos, aplicações e compensação de cheques), insolvências (títulos protestados, falências requeridas, movimentos do SPC) e nível de preços (preços dos principais produtos agro-pecuários a nível de produtor, atacado e varejo), além do acompanhamento do índice geral de preços, disponibilidade interna, da FGV. São ainda analisadas diversas informações selecionadas, como expedição de carteiras profissionais, rescisões de contratos de trabalho, flutuação da mão-de-obra empregada, licenças para edificação pela construção civil, veículos automotores registrados e expansão da rede rodoviária estadual.

#### 6.1.5. *Instituto do Desenvolvimento Econômico-Social do Pará (IDESP) — Setor de Estudos Econômicos Sociais (SEES)*

O Grupo de Estudos de Conjuntura do IDESP iniciou seus trabalhos a partir de julho de 1967, tendo recebido inicialmente assessoramento técnico da FGV para realização dos primeiros estudos. O projeto apoia-se em dois elementos básicos: acompanhamento do Índice de Custo de Vida (Índice de Preços ao Consumidor) do Distrito de Belém e montagem, elaboração e acompanhamento dos Índices Econômicos do Estado do Pará, abrangendo dados sobre edificações pela construção civil, energia elétrica, transporte e movimento financeiro.

#### 6.1.6. *Cia. do Desenvolvimento do Planalto Central (CODEPLAN)*

O projeto de conjuntura de Brasília, desenvolvido pela CODEPLAN, também é de implantação recente e seu primeiro boletim técnico trouxe a análise dos indicadores escolhidos até março de 1973. Apesar de implantado em 1973, o projeto-conjuntura do Distrito Federal progressivamente vem atingindo bom nível técnico, além de pretender, no curto prazo, cobrir todos os indicadores representativos, setorialmente, para a análise da economia brasiliense. O volume II do boletim "Indicadores Econômicos Conjunturais", referente a dezembro de 1973, apresenta conteúdo bastante modificado em relação ao I volume, fato este que atesta progressos quantitativos e qualitativos do projeto em apreço. Como principais indicadores, destacam-se: o índice de custo de vida (o volume I do boletim publica metodologia e primeiros resultados), volume de obras e nível de emprego da construção civil, títulos protestados, preços no atacado de produtos alimentares, falências e concordatas, flutuação da mão-de-obra empregada, arrecadação do ICM.

#### 6.1.7. *Secretaria de Planejamento e Coordenação de Goiás*

Implantado em fevereiro de 1972, o grupo de conjuntura da SEPLAN goiana já publicou dois volumes do boletim "Indicadores Econômicos". Pretende analisar a situação econômica do Estado de Goiás através dos indicadores mencionados a seguir, cujos resultados são publicados trimestralmente:

1 — Indicadores Básicos — sistema bancário (empréstimos, depósitos e compensação de cheques), insolvências (protestos, concordatas e falências) e receita pública (ICM, IPI e IR);

2 — Indicadores Físicos — energia elétrica;

3 — Indicadores de Preços — preços agrícolas e preços médios do comércio atacadista e varejista.

Atualmente, estão sendo estudadas as possibilidades de serem acompanhados alguns indicadores da construção civil (licenças, áreas, etc.) e alguns índices de produção (cimento e consumo aparente, produção agrícola — índices de valor e “quantum” das principais culturas produzidas no Estado — e produção de energia elétrica).

Por último, merecem ainda destaque os trabalhos de conjuntura desenvolvidos: pela CODEAMA — Comissão de Desenvolvimento do Estado do Amazonas, órgão vinculado à SEPLAN, que passou a publicar recentemente os “Índices Econômicos do Estado do Amazonas”, referentes ao ano de 1973, englobando informações estatísticas sobre o consumo de energia elétrica, cheques compensados, títulos protestados, área licenciada e área construída das edificações, e fluxo de passageiros e mercadorias no porto e aeroporto de Manaus; e pela Secretaria de Planejamento e Coordenação Geral do Estado de Mato Grosso, que, desde o primeiro quadrimestre de 1973, iniciou a implantação do acompanhamento da conjuntura e a publicação de alguns resultados preliminares.

## 7. CONSIDERAÇÕES SOBRE ALGUNS INDICADORES

Apesar do reconhecimento geral da quase impossibilidade do estabelecimento de um modelo standard de análise conjuntural, deve-se, entretanto, admitir que existem alguns indicadores flexíveis, isto é, aqueles cuja essência não compromete o modelo escolhido, antes, em muito auxiliam na tentativa de compreensão da situação econômica em estudo. Desse modo, a posição desses elementos na constelação de indicadores básicos do modelo vai depender essencialmente da disponibilidade de dados estatísticos da conjuntura em análise, para atender à demanda do modelo escolhido. De sorte que, para o diagnóstico de certas situações econômicas, alguns indicadores flexíveis explicam melhor a conjuntura, passando automaticamente à categoria de indicadores básicos.

Uma das recomendações do Relatório da Comissão Técnica n.º 1, do II SEPAC, diz respeito à seleção de indicadores. Afirma que “ao serem operados os indicadores selecionados, verificar se existe demanda correspondente ao tipo de informação trabalhada”. O item a seguir passa a focar sumariamente alguns indicadores flexíveis de muita utilidade para o acompanhamento da conjuntura.

### 7.1. *Formulação de Indicadores*

Do mesmo Relatório, são extraídas duas sugestões para a montagem de alguns indicadores conjunturais:

1.<sup>a</sup> — “o total de ações de despejo, de ações executivas cambiais ajuizadas, de ações executivas fiscais e o movimento do SPC (Serviço de Proteção de Crédito), devem ser incluídos como componentes do indicador de insolvências;

2.<sup>a</sup> — em áreas totalmente eletrificadas, as alterações no número de ligações, principalmente da classe residencial, podem medir melhor a evolução da construção civil que o levantamento de áreas licenciadas, às vezes sujeito ao nível de eficiência administrativa das prefeituras”.

Tem sido observada ultimamente a tendência de inclusão no acompanhamento da conjuntura de algumas variáveis sócio-econômicas, numa tentativa de se ter variáveis compatíveis entre as diversas regiões, onde se destacam indicadores demográficos, dentre os quais a natalidade, a mortalidade por domicílio e o fluxo migratório segundo municípios.

Outro bom indicador flexível deriva do acompanhamento do fluxo de transporte, através dos movimentos de cargas e passageiros. O fluxo de carga, estruturado a partir da tabulação de Notas Fiscais, deverá especificar o volume total recebido e embarcado por caminhões, trens e outros meios de transporte. O fluxo de embarque e desembarque de passageiros, composto através da tabulação dos bilhetes de passagens e controle de chegada, deverá especificar o volume total por ônibus, trens, aviões e outros meios. Representa, em última análise, o fluxo de transporte, um indicador da interdependência produtiva, determinada pela composição do fluxo de mercadorias, e um indicador de mudanças e expectativas, pelo movimento de passageiros.

Os indicadores do sistema bancário também estão sempre passando por processos de reformulação, justamente por seu papel capital para o crescimento do sistema econômico, ao mesmo tempo em que seu desempenho normalmente sintetiza a performance setorial da economia, melhor avaliada pelo comportamento dos bancos comerciais. Desse modo, dois índices de montagem bastante simples (evidentemente havendo disponibilidade de dados), hoje são bastante utilizados. O primeiro é o chamado índice de rentabilidade, que se obtém dividindo-se o lucro líquido pelo não exigível, ou seja, se a rentabilidade média for igual a 0,20, significa que para cada cruzeiro aplicado o banco recebe de volta vinte centavos; e o segundo, denominado de índice de liquidez corrente, que é obtido somando-se o disponível mais o realizável a curto prazo e, depois, dividindo-se o resultado pelo exigível a curto prazo; se a liquidez média for igual a 1,20, significa que o banco ou os bancos trabalham com reservas de 20% para pagarem os depósitos à vista. Como se sabe, a liquidez, ao atingir níveis altos, revela que o nível de opera-

ções está reduzido. Esses, como muitos outros indicadores do movimento bancário, refletem o dinamismo dos negócios e o ritmo de crescimento das empresas, não só bancárias mas de outras naturezas.

Indicadores do comércio exterior são também de enorme importância para a determinação do grau de dependência produtiva das diversas economias, assim como fornecem bons subsídios para a determinação da capacidade de importar desses sistemas. Os índices de sazonalidade das exportações e das importações, por exemplo, de construção também simples, permitem uma melhor estruturação da produção interna destinada ao exterior, além de mostrarem a defasagem entre importações e exportações.

Por último, dentre o rol de indicadores flexíveis destaca-se o da receita pública, de muito valor porque diz respeito ao total de créditos e proventos destinados à despesa geral dos municípios, dos estados ou dos países, além da manutenção e desenvolvimento de seu patrimônio. Em última análise, “a receita pública representa o complexo do capital social necessário à execução dos diferentes serviços públicos” (6). Como principais variáveis da receita pública destacam-se as arrecadações do ICM, IPI e IR, onde se pode detectar os crescimentos setoriais — além do próprio crescimento global da economia — fazendo-se conexões entre a arrecadação e os possíveis aumentos ou decrementos da produção e/ou da comercialização nos diversos setores econômicos.

## 8. BALANÇO FINAL

As perspectivas atuais e a evolução da conjuntura podem ser melhor compreendidas a partir dessas palavras de André Piatier: “... la coyuntura en su forma primera (medición de los ciclos y barómetros), ha salido prejudicada por haber nacido en plena discusión de los métodos: ha sido una arma poderosa en manos de los inductivos. Pero la negativa de negociar con los deductivos ha hecho de ella un instrumento incompleto... Además, teóricos y coyunturistas — este era su único punto en común — estaban fascinados por la idea de un proceso cíclico regular”...

“... Apesar de sus imperfecciones, la coyuntura ha conocido grandes progresos en la investigación económica. Ha estimulado, por una parte, el análisis estadístico, se señalan sin cesar progresos en el estudio de las series cronológicas: son respuestas a necesidades que nunca habiam sido experimentadas sin la coyuntura”.

---

(6) LIMA SOBRINHO: Finanças Públicas. São Luís, Faculdade de Economia, 1971.



Os projetos de conjuntura, principalmente se implantados em regiões economicamente não desenvolvidas, precisam de adotar racionalidade quanto ao esforço de quantificação, evitando abstrações e acúmulo de dados sem expressão comprovada, isso para qualquer que seja a ótica do acompanhamento, isto é, se sobretudo um instrumento descritivo da situação econômica ou se um instrumento capaz de permitir o conhecimento resumido da realidade econômica presente. Tal comportamento, evidentemente, deverá existir ao longo de toda síntese operativa do projeto: na fase de levantamento dos indicadores disponíveis, na de montagem da sistemática de coleta, atualização e manipulação dos dados estatísticos primários e derivados e, finalmente, na realização de estudos sobre a economia considerada, visando a determinar as relações causais entre os indicadores e a formulação teórica da situação econômica.

Nas regiões ou países onde existe infra-estrutura de dados estatísticos, a conjuntura vem-se caracterizando melhor através da realização de pesquisas qualitativas, onde se destacam as sondagens conjunturais, pela montagem de índices econômicos regionais de indicadores econômicos representativos e pela elaboração de análises conjunturais de diversos âmbitos, indo de uma situação específica até à análise da conjuntura mundial.

Entretanto, para as regiões menos dotadas desses elementos, ainda se faz uma conjuntura bastante copiada, contingenciada ora pela patente ausência de dados consistentes, ora pelo desconhecimento técnico-científico da realidade econômica.

O analista de conjuntura, para ter condição de continuar elevando o nível de suas análises, precisa de constantes "feed-backs" em seus conhecimentos conjunturais, sob pena de deixar-se levar pela chamada "linguagem de elevador", principal característica das análises descritivas, onde se enfocam exageradamente as descrições de tabelas. Para tanto, deverá recorrer às fontes "extra-estatísticas" e a "experts" no assunto-problema, ao mesmo tempo em que pode tentar descobrir outros meios de abordar o assunto, não se limitando apenas aos dados estatísticos disponíveis no momento.

Finalmente, os estudiosos e analistas da conjuntura, por mais avançados que sejam seus conhecimentos, jamais poderão supor que tenham atingido o fim da escala de investigação e que seus métodos de diagnósticos e prognósticos sejam verdadeiramente os melhores, mas, antes de tudo, deverão reconhecer que a conjuntura pretende compreender a situação e a evolução de um sistema econômico capitalista, portanto sujeito a mudanças diversas, perfeitamente justificáveis em sua essencialidade dinâmica.

## 9. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- BAUNGARTEN JUNIOR, Alfredo Luiz et. alii. *Sondagem Conjuntural*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, Centro de Estudos Industriais, 1973.
- COLASUONNO, Miguel. *A análise como instrumento do crescimento econômico*. São Paulo, SEPLAN, 1972.
- ESTEY, James Arthur, *Ciclos econômicos: sua natureza, causa e controle* (Business Cycles, Their Nature, Cause and Control) São Paulo, Mestre Jou, 1965.
- LIMA SOBRINHO, *Finanças públicas*: São Luís, Faculdade de Economia.
- PALHANO, Raimundo Nonato. *Técnicas de análises conjunturais*. In: *Relatório da Comissão técnica n.º 1*. São Paulo, (S. ed.) 1973 (SEPAC, 2).
- PARREIRAS, Luiz Eduardo. *O acompanhamento conjuntural como instrumento do planejamento*. São Paulo, SEPLAN, 1972.
- PIATIER, André, *Estatística y observación económica*, Barcelona, Ed. Ariel, 1967.

## 10. SUGESTÕES PARA LEITURA

- ANÁLISE CONJUNTURAL DA ECONOMIA NORDESTINA. Fortaleza. Banco do Nordeste do Brasil S. A. 1972 — Semestral. Gratuito. Rua Senador Pompeu n.º 826, 1.º andar. Fortaleza, CE.
- ANÁLISE E PERSPECTIVA ECONÔMICA — Rio de Janeiro, APEC editora, 1962 — Quinzenal, Gratuita. Av. General Justo, 335 G. 805 — Rio de Janeiro - GB.
- BOLETIM DE CONJUNTURA — Belo Horizonte, Fundação João Pinheiro, mensal.
- BOLETIM DO BANCO CENTRAL DO BRASIL — Brasília, Banco Central, 1965 — Mensal. SCS n.º 179 — Sala 501 — Brasília — DF. (pequena variação no título).
- BOLETIM ECONÔMICO — Rio de Janeiro, IPEA. Mensal. Gratuita. Rua Melvin Jones, 5. Rio de Janeiro — GB.

CONJUNTURA ECONÔMICA. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1947. Mensal, Av. 13 de maio, 23 — 12.º andar, l. 1221/1224. Rio de Janeiro — GB.

CONJUNTURA MARANHENSE. São Luís. IPEI, 1973 — Mensal. Rua João Gualberto, 49. São Luís - MA.

ESTUDOS CEBRAP. São Paulo, CEBRAP, Trimestral.

INDICADORES DE CONJUNTURA, Porto Alegre, IEPE.

INDICADORES ECONÔMICOS — Goiânia, Secretaria de Planejamento e Coordenação. Mensal, Rua 82 — Centro Administrativo 8.º andar, Goiânia - GO.

INDICADORES ECONÔMICOS CONJUNTURAIS. Brasília. CODE-PLAN. 1973 — Semestral.

INDICADORES ECONÔMICOS REGIONAIS. Fortaleza, Banco do Nordeste do Brasil. Departamento de Estudos Econômicos do Nordeste, 1968 — Mensal. Rua Senador Pompeu, 826, 1.º andar. Fortaleza-Ceará.

ÍNDICES ECONÔMICOS DO AMAZONAS. Manaus, Secretaria de Planejamento, 1973 — Mensal.

ÍNDICES ECONÔMICOS DO PARÁ. Belém, IDESP, Mensal.

MATO GROSSO — Secretaria de Planejamento. Uma tentativa de análise de conjuntura: considerações gerais, Cuiabá, SEPLAN, 1973. mimeog.

PLANEJAMENTO E CONJUNTURA — São Paulo, Secretaria de Economia e Planejamento. Assessoria de Pesquisas Econômicas, 1968 — Mensal. Rua Gásper Libero, 464 — 1.º andar. São Paulo P. P; (Até jun. 1972, Economia Paulista: Acompanhamento Conjuntural).

REVISTA BRASILEIRA DE ECONOMIA — Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas. Irregular. Praia do Botafogo, 186, Rio de Janeiro — GB.

SONDAGEM CONJUNTURAL NA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO NO NORDESTE. Fortaleza, Banco do Nordeste do Brasil. Departamento de Estudos Econômicos do Nordeste, 1968 — Trimestral. Rua Senador Pompeu, 826 — 1.º andar. Fortaleza - CE.

## SUMMARY

Contribution to the Study and Use of "Conjuntura" — It deals with conceptual methodological and scientific aspects connected to the accomplishment of research and the analysis of economic "conjuntura", showing elements concerning its historical evolution, origin, and technical perfection. It also gives a short analysis of the "conjuntura" situation in Brazil and the level of activities of the principal institutions that produce that kind of work. It also focuses on some economic indicators indispensable to all activities of that nature.